DOM JOAQUIM JOSÉ VIEIRA

2.º Bispo do Ceará no 50.º Aniversário de sua Morte

PE. MISAEL GOMES

O PASTOR

Com a ascensão e transferência do 1.º bispo D. Luís Antônio dos Santos para o primado da Bahia e um triênio da sede vacante, veio à posse de sua diocese D. Joaquim José Vieira, 24 de fevereiro de 1884. A alma congratulada, coube-lhe entoar o solene *Te Deum* de 25 de março de 1884, memorável data cearense, pioneira a nossa província na luta redentora dos cativos, libertador no Ceará de 35 508 escravos.

Tota in minimis existit natura . Filho de Itapetininga (SP), 17 de janeiro de 1836, descendente de honrada família o espírito formara-se e o coração se aprimorou lá mesmo, pela província natal e no Seminário de 57 a 60. Ordenado sacerdote, março dessa mesma década de 60, estêve o padre Vieira em Paraibuna alguns meses, auxiliar do vigário; depois, na interinidade do paroquiato de Campinas, 60a 64. Plantado havia sua estaca inicial. *Trahit sua quemque voluptas* (VIRG. EGL. III 65). Chamavam-lhe "vigarinho". E apreciável diligência empregou na obtenção da obra-darte que é a Matriz Nova, hoje Catedral de Campinas. O amor das belas artes é sintoma evidente de cultura; nem só do pão vive o homem.

A princesa do oeste (Campinas) o reteve, terminado o paroquiato interino, aproveitando-se êle para fundar a Santa Casa de Misericórdia, inaugurada nos idos de 76 e o Asilo das Órfãs só em 1890 inaugurado, ao tempo, ainda de sua primeira visita ali como bispo. Nessa ocasião, doou ao Asilo das Órfãs a casa de sua antiga residência, n.º 17 da Rua Bento Quirino. O homem é o que demonstram suas afeições e idéias.

Infatigável e empreendedor (não há corpo fraco onde o coração é forte), ativo e generoso, a fundação da Santa Casa com o Hos-

pital, Asilo, escolas e remédios para os pobres acendraram aquela virtude eficiente, fascinante e edificante.

O nome de Rua da Misericórdia mudou-lhe a Prefeitura local — Rua Padre Vieira — e um busto de mármore no pátio levantaram-lhe fronteiriço do importante estabelecimento, bem melhor do que a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Admirável a glória do talento, a esta sobreleva a glória da virtude que, por sua vez, esmalta o oiro das dignidades.

Ao abrirem-se-me os olhos à luz da existência, já em meio do nôvo rebanho se encontrava o Pastor vigilante, numa atmosfera suave de respeito e veneração. Aconteceu desde a primeira visita pastoral, encheram-lhe os ouvidos os sofrimentos e queixas dos sertanejos, em luta contra os próprios destinos. Cada região da terra como que tem alma a imprimir-lhe o cunho da originalidade. O Ceará é o Estado líder das inclemências do Nordeste; São Paulo, terra ubertosa e boa. E de quantas coisas não ficou sabendo! Brilharam-lhe nos olhos facêtas de nova luz. Pudera! Consignou um dos representantes do Ceará ao Congresso Nacional:

"Foi pastor — disse — experimentado freqüentemente pelos reveses da sorte, dos sofrimentos dêles (seus filhos) fêz seus próprios e nunca o seu desvêlo se cansou em lhes proporcionar alívio. O seu palácio era um asilo sempre aberto a todos os miseráveis e sofredores; a sua piedade e o seu zêlo apostólico contribuíram para a expansão do sentimento religioso tão vivo na alma cearense, que nêle encontra uma fonte inesgotável de resignação e de fôrça. Êste mesmo exemplo exerceu influência duradoura para a formação do clero cearenses, que é, pela cultura, pela sua educação, justo motivo de ufania para o catolicismo no Brasil."

(Do senador Francisco Sá nas homenagens tributadas à memória de D. Joaquim.)

Ao mesmo ponto faz o que testemunhei em Fortaleza, 1899, o devotamento dos meus concidadãos ao festejarem-no de volta do Concílio Plenário da América Latina, celebrado em Roma, sob o olhar de Leão XIII, e a direção imediata de Vives y Tuto, longos anos cardeal protetor do Colégio Pio Latino.

Já seminarista, 4 de março de 1900 até outubro de 1903, confundia-me S. Excia. com outro aluno, do Ipu, berço lendário de Iracema, tradicional recanto dos filhos de Itaquê, pai da grande nação tabajara, como se denunciasse, se traísse conhecedor o bispo da obra de Alencar, pelo menos do "decantado e esplêndido poema" em prosa da nossa gleba e da nossa gente.

"A literatura em tôda a América tem sido um processo de adaptação de idéias européias às sociedades do continente" (Sílvio Romero), sem embargo, como introduziu Gonçalves Dias no romantismo o traço nacionalista, interpretando o índio no verso, também na prosa o fêz Alencar, iniciador da autonomia literária brasileira. E à guisa do bardo maranhense, autor dos cantos do piaga e do guer-

reiro, primeiras impressões definitivas de inspiração indianista, que culminou nos poemas "Y-Juca-Pirama", "Marabá" e "Leão de Fôlhas Verdes", o nosso coestaduano enalteceu no índio o acume dos sentimentos e inteligência capazes de atraí-lo à cooperação da vida civilizada.

Inalterável, continuou D. Joaquim a distinguir-me com o apelido que me dera, "Ipu". De reminiscência tão simples e tão singular, adivinhava-se-lhe o aprêço ou aprêgo às letras patrícias, muito embora o espírito êle aplicasse às lições sagradas principalmente, e dos doutôres da Igreja, bem como do excelso tribuno sacro que foi o genial padre Antônio Vieira (1608-1697).

Estas as fontes inestimáveis, inexauríveis, os mananciais de sua cultura. Reconhecer é preciso, no mundo das letras, o gênio primacial de um Shakespeare, porém o maior escritor do nosso idioma, falado hoje por cem milhões de pessoas aproximadamente, na prosa foi Vieira, Camões na poesia, de tal sorte que *Os Lusíadas* e os *Sermões* se constituiram rochas vivas, basicas, ou colunas da nossa língua.

Vez por outra, do Seminário me escalavam com algum companheiro, acólitos aos domingos na Capela do Paço Episcopal, onde podiamos apreciar o verbo inspirado, conciso e preciso, *densus et brevis* (de Quintiliano X, I, 73), semelhante ao bispo de Roma, Pio X, que vi e ouvi primeiramente no "Cortile di San Damaso", num arrebol da natureza, se bem que aurora ainda, começos do seu pontificado.

Na faina de preparar-me para a viagem de Roma, aspirante ao ingresso do Colégio Pio Latino e do antigo Colégio Romano, hoje Universidade Gregoriana, aproximei-me com mais freqüência de D. Joaquim. Afável e acolhedor, nas visitas punha-me êle ao seu lado, palestrando sem azáfama, discorrendo, advertindo-me, porventura em erros ou defeitos de linguagem. De suas mãos, enfim, uma carta recebi para o aluno José Tubinambá da Frota, meu "anjo" no Colégio, nôvo Rafael, sacerdote daí a dois anos, coadjutor, vigário e bispo sucessivamente da paróquia de Sobral, onde nascera e onde terminou sua viagem dêste mundo.

Já na Cidade Eterna. *Quid Roma faciam? Mentiri nescio* (Juv., Sat. III, 41) a ventura experimentei de travar correspondência com o amantíssimo prelado. Chegou a constituir-me seu procurador, decifrando-lhe uma das caligrafias piores que jamais conheci. Os superiores da casa me inteiravam dos negócios eclesiásticos cearenses e davam-se ao cuidado de obter-lhes a devida solução, com alegria de minha parte e o aprazimento do meu insigne e preclaro chefe espiritual.

28 de outubro de 1908, na Capela do Colégio Pio Latino Americano recebido o subdiaconato das mãos do Emmo. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante; na ano seguinte, ordenado de presbítero pelo Emmo. Cardeal Respighi, vigá-

rio de S. Santidade o Papa em Roma, Pio X; aliás, o diaconato havia eu recebido das mãos dêsse último e eminente purpurado; só no fim de 1910, com duas láureas, de Filosofia e Teologia tomei passagem de volta para o Brasil, direto à Capital da República (velha-cap). Um setênio havia-me detido na cidade dos Césares à sombra do Vaticano, num dos Colégios pontifícios, o inesquecível Colégio da América Latina.

Prontificou-se o cardeal brasileiro de obter a minha transferência para a arquidiocese carioca, ao que resistiu o pastor extremoso: "Meu filho, peça-me o que quiser, porém não me peça de voltar para o Rio." Tinha-me demorado na trepidante metrópole do país quase todo o ano de 1911, coadjutor da paróquia do Espírito Santo, matriz de São Joaquim, ausente o vigário mosenhor Isauro de Araújo Medeiros, em peregrinação religiosa pela França e Itália.

Curvei-me à vontade do meu antístite e iniciei oito anos capelão da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, a trabalhar e sofrer com os hospitalizados, junto de seus leitos.

Ar instar do que se passou, calha a analogia do relanço histórico entre Sócrates e Xenofonte. De feito, tendo Sócrates observado a atitude honesta de Xenofonte, embargou-lhe o passo e interrogou "onde se compravam as coisas necessárias à vida". Xenofonte bem lhe respondeu. "E para nos tornarmos probos, replicou Sócrates, aonde poderemos ir?" Xenofonte não soube indicar.

"Segue-me então, continua o filósofo e eu to direi".

São dêsses fatos que empolgam e deixam no subconsciente a lição; partícula não há que não tenha a sua lei, e nada de casual no espírito humano.

O APÓSTOLO

Pude mais de perto conviver e melhor apreciar aquêle condutor de almas, timoneiro indefectível, que irradiava qualidades peregrinas: riqueza, beleza, fôrça e profundidade do coração humano, consoante Rui Barbosa, o órgão da fé, da esperança e do ideal; o músculo da vida, da nobreza e da bondade humana. A gente simples idolatrava-o, do mesmo modo que os fidalgos, os grandes e poderosos. Aratanhas ou Albanos, Frota (Epaminondas), Virgílio de Morais, Paula Pessoa, Studart, Jaguaribe — barões, professôres e até visconde; Paulino Nogueira, o desembargador; conselheiro Rodrigues Júnior, Bezerril Fontenele, Pedro Borges e Acioli, — varões de Plutarco, governadores ou presidentes, e até ministro de Estado, disputavam-lhe a honra de sua amizade. Uma bela alma não receia de mostrar-se, convencida de que quanto maior justeza e lisura virem nela, tanto maior respeito e amor lhe devotarão.

Agraciado pelo Império com o hábito de Cristo e outras nobilitantes distinções, detestava a política quer para si quer para o clero.

inflexível diante dos maus, terno, caridoso e compassivo até as lágrimas, se deparava infelizes, seja-me lícito repetir: "Homem de um só parecer, dum só rosto, uma só fé, dantes qubrar que torcer" (Sá de Miranda).

Nos momentos difíceis, sua figura esbelta, heráldica e heróica foi âncora de esperança, garantia da ordem e da paz, contra a qual os elementos pareciam conspirar. O arcabouço constituiu-se-lhe em maior escala que a mediana e possuía as vantagens de sua estatura. Acredito tenham vingado os cearenses esta conclusão: "Enviou-nos Deus um anjo; se preferirdes, um evangelista, pregoeiro do amor, da caridade", em nome religioso êste último, aplicado ao amor pelos teólogos, "caridade".

Instava o deputado federal Álvaro Fernandes, orador do Círculo Católico de Fortaleza, no 30.º dia do pranteado falecimento: "Há um aspecto que se destaca entre os méritos de D. Joaquim José Vieira, é o seu pendor inalienável de evangelista." Por onde, "bandeirante de entradas mais suaves", nôvo paladino do Evangelho, distribuiu o nosso bispo com seu povo grandes ações e nobres estímulos. Que formoso e sublime não é o destino de um missionário assim da Providência!

Ao cabo de 57 anos de sacerdócio, já debaixo da refulgente mitra, uma coroa de espinhos; sob a cruz peitoral, aceso, o amor de Deus e do próximo; anjo do santuário, príncipe da Igreja, nunca omitiu o ofício do seu Breviário, tirante duas vêzes ou três, ao império de obstáculos irremissíveis.

Nova edição do Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, cumpriu fielmente o múnus episcopal, a despeito de barrancos, marnéis, cerros e vales. Escreveu o vigário geral, monsenhor Bruno: "Quantas vêzes vimo-lo, forçado pelos incômodos de sua saúde, palmilhar o arisco das estradas!" Quem trabalha de boa vontade, esquece a fadiga (Horácio). De uma coisa só teve mêdo: do pecado. Foi esta a sua bússola e norma de todo o seu govêrno. Prova-o mais de um episódio, já hoje conhecido e publicado.

Dos favores e carinhos que houve por bem conceder-me, lembro quando me investiu no ofício e dignidade de provigário geral da diocese. Para tanto, assinou a provisão lavrada e convidou-me à sua capela particular, onde, sem testemunhas visíveis, sentado ao faldistório no pé do tabernáculo, com o Evangelho aberto sôbre os joelhos, os juramentos canônicos, prescritos, mos recebeu. Houve quem lhe censurasse a escolha do candidato (muito jovem), atribuindo ao enfraquecimento da idade.

No tocante à questão religiosa do Juàzeiro (fins do último século), a diretriz por êle traçada constituiria capítulo biográfico interessante, se esquecido não houvera de explicar-me tudo, conforme prometeu. Calei-me, não por desinterêsse, mas para não o enfadar em hora inoportuna... quem sabe

A convocação e ralização do Sínodo diocesano, a criação do Externato de São Vicente de Paulo (600 alunas), da Escola Jesus,

Maria e José (400 alunos), São Rafael para meninos pobres, confiados às irmãs de caridade, com edifício próprio, adrede preparado à custa de sacrifícios; os começos da Basílica de Canindé, após a questão patrimonial resolvida, são uma enfiada de obras que obedeceram ao seu tino, ganharam simpatia, o aprêço lhe conquistaram e seus empenhos. O Seminário do Crato — outrossim — em mais de um período de funcionamento e cujos inícios, de 74 a 75, devíamos ao 1.º bispo D. Luís Antônio dos Santos.

O homem competente, no lugar que lhe cabe, é fértil, magnético e impregna as massas do seu desejo que, por êste fato, fica logo executado. D. Joaquim não idealizou obra para não ver concretizar-se. Dentre as melhores, a educação, atuação e reforma do seu clero. Por isso, com surpreendente facilidade, refez o trecho do Seminário, a parte esboroada nas sombras de uma noite. *Custos, quid de nocte*? Guarda, que vai lá pela noite?

Assim o primeiro texto da ação de graças do padre Júlio Simon, reitor e sucessor, no Seminário, do padre Pedro Chevalier„ *"Mon Père"*, como era geralmente chamado.

Outros distintos benefícios ao Seminário, o cronista mudo de uma vida diocesana utra-secular. Teve o casarão da Prainha perto de 5 000 jovens matriculados, dos quais 677 sacerdotes, 19 bispos.

Cumpre não esquecer a pobreza de uma terra caroável ao exaspêro cruciante das sêcas ou das enchentes nordestinas, periódicas. Também sucede ordene Deus que apareça a regeneração social do seio mesmo do infortúnio; vê-se que o solo ferido ainda é mais fecundo.

Com isso se estendia auspisiosa a solução dos nossos patrimônios, asseguradores do progresso de cada uma das obras já fundadas; pois a sorte não está nas mãos dos fados, porém nas nossas, tal o dizer do célebre padre Antônio Vieira.

Sem titubear, segui avante *homo Dei*, o homem de Deus„ à ilharga dos óbices, vicissitudes ou embargos, certo e satisfeito de viver e respirar alentos da graça celeste. Dêste modo até o fim, até a renúncia da diocese, aceita pelo Sumo Pontífice (1912), tão exausto e consumido pareceu o venerando prelado. Logo as responsabilidades caíram sôbre D. Manuel da Silva Gomes, adstrito até então (8 de dezembro de 1912) à tarefa de bispo coadjutor da diocese. Ao demissionário conferiu a Santa Sé o título de arcebispo de Cirro, muito antes por êle recusada a promoção para o Rio G. do Sul, Pôrto Alegre, 1890, ou São Paulo, 1897.

D. Joaquim foi um dos seis bispos que a Monarquia legou, e a República encontrou neste imenso Brasil mais de 76 milhões de habitantes em nossos dias.

Forte e persuasiva a lição do exemplo. Como o Divino Mestre, após a ressurreição, permaneceu ainda entre os discípulos D. Joaquim, identificado com os destinos cearenses, não quis largá-los de repente. Ano e meio de descanso para o espírito e de orações, sorriu-

-lhe a conveniência de regressa a Campinas como quem busca deliciosas lembranças. *Ille terrarum mihi praeter omnes angulus ridet* (HOR., OD, liv. II, IV, 13). Escolheu o vapor Manaus, de 19 de abril de 1914.

Ofereci-me para acompanhá-lo na viagem.

O AMIGO

Em Recife, Salvador da Bahia e Vitória do Espírito Santo, três capitais de Estados e sedes diocesanas, ao Arcebispo de Cirro homenagearam-no os três prelados, cada um por sua vez.

Sem atenção, delicadeza ainda menos, dos religiosos da Lapa, no Rio, buscamos a residência dos padres lazaristas: breve demora ali e eis-nos à porta de São Bento, mosteiro de velhos amigos do resignatário. Um colégio dêsses monges florescera na Serra do Estêvão (Quixadá), donde finalmente desapareceu, malgrado seus copiosos frutos no setentrião brasileiro especialmente.

Parca a dieta do arcebispo, impressionante sobriedade. No mosteiro a não ser a escadaria interna indispensável tudo o mais correu à maravilha. Amiudaram-se visitas feitas ou recebidas pelo ancião acatadíssimo, em companhia do secretário. Fomos a Petrópolis, lídima e sincera homenagem ao Núncio Apostólico, monsenhor Bavona. Dentre os visitantes, destacaram-se o cardeal Arcoverde e o senador Pinheiro Machado.

D. Joaquim Arcoverde era alcandorada figura, 1.º cardeal e único da América Latina, em seu tempo. O senador Pinheiro Machado, chefe político no Brasil; obedecia-lhe até mesmo o presidente da República, marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, no Catete.

Habitava o senador com sua família o Morro da Graça, num palácio à altura dos solares ricos da Europa e América. De ordem do poderoso farroupilha, ao nosso encontro no desembarque um emissário veio que nos franqueou a hospitalidade na opulenta mansão do chefe cuja capela encantadora e ataviada requestava o exercício do culto católico. Dizia-se parente do arcebispo o proprietário e prestimoso cavalheiro, além de ser a espôsa filha da terra de Tibiriçá e sangue bandeirante.

Agradeceu S. Excia. o sr. arcebispo a obsequiosidade do convite, mas teve de submeter-se à imposição do jantar todos os dias, enquanto detido na cidade maravilhosa.

Uma surprêsa para mim, o salão de visitas do Pinheiro. Tôdas as noites, terminado o jantar, para ali convergia o que era visto na sociedade de mais seleto, distinto e aristocrático, importa dizer, elementos da política, da inteligência e do govêrno.

Mas volto-me, por instantes, ao encontro pessoal do intrépido campeador gaúcho com D. Joaquim, que fêz timbre naquela oportunidade de, ainda uma vez, render-lhe as graças pelo negócio do Palácio Episcopal de Fortaleza, antiga chácara dos Mendes Guimarães,

adquirida em favor da União, ao tempo do govêrno provincial (1866) de Francisco Marcondes Homem de Melo conhecido como estadista, barão Homem de Melo. Apenas usufrutuária a diocese do Ceará, entrou na posse definitiva do valioso imóvel em franco regime republicano, mediante a paga de sessenta contos de réis tão-sòmente, pelo extraordinário prestígio do senador e general e filho dos pampas.

Prestes a concluir tão amistoso encontro, o arcebispo ao seu parente dedicado já no fastígio da gloriosa carreira acrescentou: "Quero agora apresentar o meu secretário, que não é secretário pròpriamente, mas um amigo." Súbito aquêle personagem de aspecto severo, até mesmo ríspido, *prima facie*, à primeira vista, olhos semicerrados e a voz pausada, imprimindo um quê de guasca ironia: "O-ora, eu pensava que era um homem, e é um menino!" — admirou-se. Contava meus 29 janeiros naquela época; pareciam menos. Entretanto,

"Acha um amigo e terás um tesouro."
Está na Bíblia e são palavras de ouro."
(Pietro Meta Stasio, trad. de Heitor Fróis)

Certo dia, sentiu-se mal o arcebispo no Rio. Chamado o secretário, atendeu êste a determinações simples, breves e acolhidas com máximo interêsse; mereceu S. Excia. o informasse que na mala de viagem conduzia a importância de seis contos de réis, todo o saldo de quem governou e administrou 28 anos a diocese do Ceará, já hoje província eclesiástica, subdividida em seis dioceses, verdadeira constelação!

Não obstante os esplendores e sortilégios da formosa urbe, tão depressa executado o programa ali partimos para São Paulo (Estado). Navio inglês até Santos; em seguida, pela via-férrea, a estação da Paulicéia agitou-se ao calor dos que estimavam cumprimentar o Arcebispo. E o comboio avançou macio, ao longo da plataforma, ganhando velocidade no seu crescente impulso...

Campinas, ponto nosso terminal, recebeu o desejado, o querido do povo com palmas e galas de um triunfador. Magnífico espetáculo daquela apoteose em que transparecia a solicitude do Dr. Antônio Lôbo, presidente da Assembléia do Estado, e de D. João Batista Correia Néri, conde romano, filho e bispo de Campinas, mas sobretudo filho espiritual, filho do coração de D. Joaquim. Aplicável a expressão de Horácio sôbre Virgílio: metade de sua alma, *animae dimidium meae*. (Hor. Od. I, III, 8).

Gente em barda, mui luzida, intensos o entusiasmo e a curiosidade. A procura dos grandes homens é afã da juventude, ocupação séria da idade viril. De os procurar ninguém se farta, nem se cansa nunca.

O que estava em mim, havia feito; esforcei-me de ser diligente secretário. Admirei os assomos estuantes do afeto paulista grato e

generoso. As irmãs da Santa Casa, dirigidas por excelente Superiora, multiplicavam-nos gentilezas.

A hospedagem e as festas, sessões, discursos, músicas, poesias, teatrinhos, um mundo de arte a embelezar, a encher o ambiente de encanto indefinível; tudo, porém, me sensibilizava e comovia.

Acostumado, radicado e prêso a fogos distantes, o compromisso assumi, que não cumprì, de tornar a Campinas definitivamente.

D. Joaquim acompanhou-me à estação, honra e prêmio êste, decerto; mas também hora de dor e de saudade aquela, sem que pensássemos todavia fôsse nosso último adeus. No momento exato, abraçamo-nos e choramos os dois...

Personifiquei meus irmãos cearenses o derradeiro filho da terra que êle deixara! Foi um dos lances em que, através da face, lhe arranquei as impressões da saudade que punge e do amor que lacera. Há lágrimas, diz o poeta, que correm pelos olhos e outras que rolam pelo coração...

O sábio faz-se contemporâneo dos séculos futuros por seus pensamentos, e o santo? não deveríamos esquecê-lo jamais.

Peregrino todo homem aquì na terra, ajoelhei-me certa vez no túmulo do pastor, apóstolo e amigo sepultado sob as lajes frias do pedestal de uma herma. O 2.º bispo do Ceará falecera aos 8 de julho de 1917, com 81 anos de idade, a mesma do famoso Platão. Uma bela morte honra tôda a vida. "Un bel morir tutta la vita onora" (Petrarca).

A operosidade do homem não se manifesta sòmente durante a sua vida terrena; desdobra-se, prolonga-se, ressurge na continuação dos fatos, obras e instituições que deixou. *Non omnis moriar*. Não morrerei de todo (Hor., Od. XXIV liv. III, 6).

Ditosa coincidência! pelo mesmo ano (1917) de maio a outubro, no dia 13 de cada mês, à cova da Iria em Fátima (Portugal), a Rainha dos Céus apareceu e falou a três pastorinhos. Meio-século já — o tempo não descansa — meio-século de fatos incontáveis, acontecimentos imprevistos, engravidados do mistério... Naquela cova, porém, naquela campa, pertinho da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, D. Joaquim espera sua gloriosa ressurreição. *Amicus noster dormit sed... resurget.*

Fortaleza, 8 de julho de 1967.

NOTA — Já removeram as cinzas de D. Joaquim para o seu túmulo definitivo na cripta da Catedral, junto a dois bispos diocesanos que morreram naquela cidade de Campinas.